

VÁRIA

Contribuição ao estudo do barbilho

O escrupuloso e curioso etnógrafo brasileiro Frederico Lane conseguiu reunir enorme quantidade de materiais e dados sobre o uso do barbilho no seu país, que publicou em dois trabalhos bem documentados e ilustrados (1).

Depois de historiar brevemente a evolução da criação de gado vacum nos estados centrais do Brasil, apoiado na obra de Luís Amaral (2), Lane entra pròpriamente na questão do barbilho ou tranca.

O barbilho é, em linhas gerais, um instrumento simples que se coloca no focinho dos animais (vitelos e cabritos) para evitar que eles possam mamar no período em que começam a ser apartados das mães ou desmamados. O mesmo pode servir para impedir que uma vaca mame em si própria, com prejuízo do bezerro.

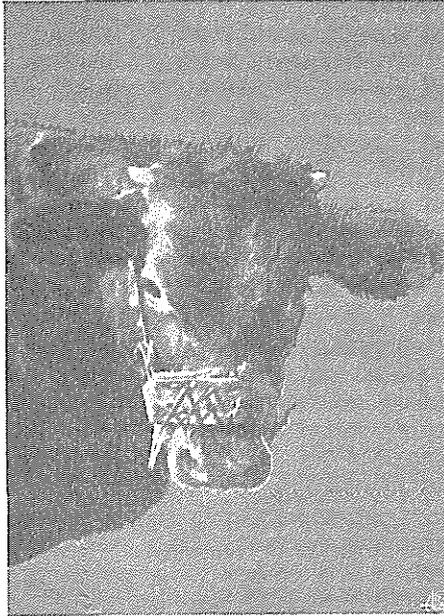
Segundo Lane, encontram-se nas regiões ganadeiras do Brasil central dois tipos principais de barbilhos. Um deles consta de uma tábua rectangular, triangular ou semicircular, com um entalhe na parte superior, de forma variável, mas que deixa dois dentes muito aproximados, que se prendem no septo nasal do bezerro. Para colocar a tábua, puxa-se a venta do bezerro, de maneira a adelgaçar o septo nasal que, depois de solto, ao voltar à forma primitiva, se torna mais espesso, segurando perfeitamente o barbilho. Esta tábua pendente do focinho impede o animal de mamar, permitindo-lhe pastar desde que com um movimento da cabeça levante a tábua.

Para os casos especiais, quando algum bezerro mais hábil consegue mamar puxando o barbilho para cima contra o úbere da vaca, é costume colocar uns pregos no barbilho. Neste caso a vaca doe-se, e o bezerro não consegue os seus fins. Ou então usa-se um segundo tipo de barbilho, a *focinheira*, que é uma espécie de cabresto de couro guarnecido de pregos.

Frederico Lane, que conhece a existência do primeiro tipo de barbilho na Ásia e na Hungria por um artigo de Béla Gunda (3) e no norte de Rigagorzana (Espanha) por Krüger, deduz que aquele tivesse chegado ao Brasil através da Península Ibérica, visto que encontrou a palavra *barbilho* nos dicionários portugue-

ses, empregada neste sentido (4). Contudo não encontrou na bibliografia portuguesa elementos de confronto que lhe permitissem tirar conclusões seguras.

Mantendo a designação genérica de *barbilho*, para tal instrumento, podemos dizer que até hoje encontramos em Portugal seis tipos diferentes. O primeiro corresponde exactamente ao



primeiro tipo descrito por Lane e tem em Portugal o nome de *tabuleta* (5).

O segundo é formado por uma tábua com espetos cravados, tendo na parte interior uma espécie de argola de ferro que se prende no focinho do animal, e chama-se: *picadeira* (6).

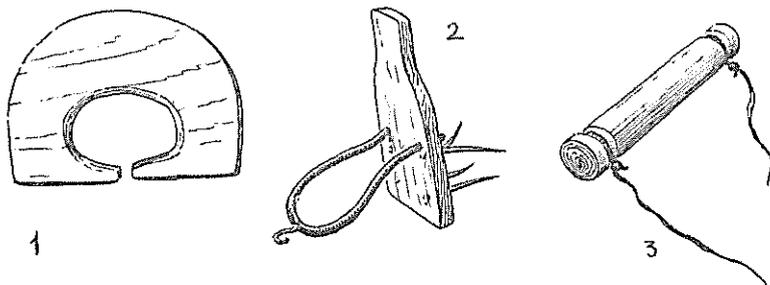
O terceiro corresponde à *focinheira* brasileira e é conhecido por *cabresto de picos* (7).

O quarto, conhecido por *barbilho*, é uma espécie de pequeno cilindro de madeira, com dois entalhes nas extremidades, onde estão duas cordas amarradas. Este *barbilho* é usado para impedir os cabritos de mamar (8); o *barbilho* mete-se na boca dos cabritos e as corditas prendem-se-lhes ao pescoço.

O quinto é formado por uma espécie de *focinheira* ou *açaimo* feito de tábuas delgadas e flexíveis, que se colocam no focinho dos vitelos ou bois, para não mamarem, ou não comerem, quando andam a trabalhar em lugares onde há culturas que convém preservar dos animais.

Este tipo também aparece, às vezes, feito de arame (9).

O sexto tipo é uma espécie de saco de esparto, em forma de açaimo, que se coloca no focinho dos animais como no caso anterior. Este barbilho é, em princípio, o tipo quinto, resultando a diferença sobretudo do emprego do material de que é feito (10).

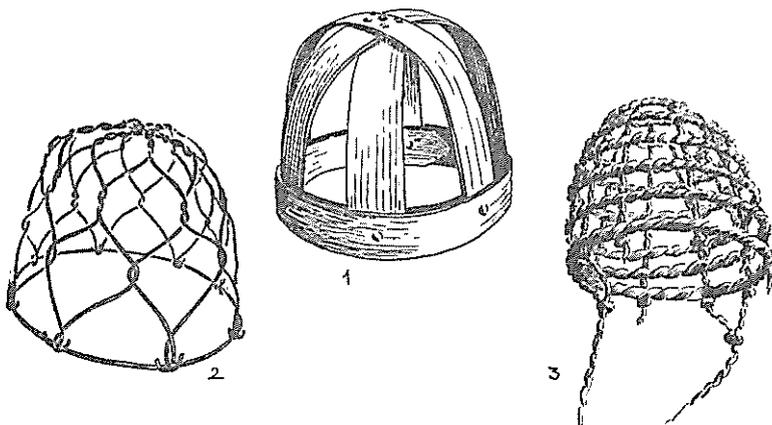


- 1 — Tabuleta — Segundo um desenho de Leite de Vasconcelos.
 2 — Picadeira (Miranda do Douro).
 3 — Barbilho (Resende). Pertence ao Museu de Etnog. do Douro Litoral.

As transformações enormes porque passou a economia agrícola e pastoril do noroeste de Portugal depois da colonização brasileira — a maior das quais foi devida à introdução do milho americano — impede-nos de fazer um estudo comparativo com aquele rigor de pormenor que seria para desejar, aproveitando a área do país que maior emigração deu para o Brasil (11). Contudo, a existência do primeiro tipo, a *tabuleta*, e do terceiro, o *cabresto de picos*, em Portugal e no Brasil, deixa facilmente concluir que foram os portugueses que os levaram para o outro lado do Atlântico. Até o termo usado pelos colonos italianos, *tabuinha* e *tabuleta*, que segundo Lane está mais de acordo com o latim *tabula* (12), é afinal a expressão mais corrente em Portugal para designar este tipo de barbilho, e não deve representar uma inovação, ou introdução de palavra feita pelos colonos italianos (13).

Tudo leva a crer que o uso do barbilho do primeiro tipo — a *tabuleta* — seja muito antigo. Provavelmente teve a sua origem na Ásia entre os pastores nómadas, tendo daí passado para a Hun-

gria e para as outras regiões ganadeiras da Europa ocidental (14). Se a difusão se fez já no período das migrações de povos indo-europeus portadores de gado grosso para o ocidente europeu, ou se fez posteriormente, como difusão isolada do objecto, não é possível dizê-lo agora, com os elementos de que dispomos, mas é provável que a primeira hipótese esteja mais perto da verdade dos factos.



1 — Cofinho de talas.
2 — Cofinho de arame.
3 — Barbilho de junco torcido.

(Pertencem ao Museu de Etnog. do Douro Litoral).

Mais tarde, na 2.^a fase de migração da Península para a América, os portugueses foram certamente os seus portadores para o Brasil.

JORGE DIAS.

NOTAS

(1) Frederico Lane — Notas sobre o uso do «barbilho» ou «tranca», nos estados centrais do Brasil, in Arq. do Museu Paranaense, 3, págs. 233-237, 2 figs. Curitiba, Panamá, 1943.

— Notas sobre o uso do barbilho, in Revista do Museu Paulista. Nova série, Vol. II, São Paulo, 1948, págs. 287-293, 3 Est.

(2) Luis Amaral — História Geral da Agricultura Brasileira, 2.^o tomo, Brasileira 160-A, São Paulo, 1940.

(3) Béla Gunda — Asiatische Maulkorbformen in der ungarischen Hirtenkultur, Ethnos, 3 (1); Stockholm, 1938, págs. 8-17, 5 figs.

(4) De facto a palavra barbilho é bastante usada para designar qualquer instrumento que impeça os animais de mamar ou de comer.

(5) Até hoje só encontramos este tipo de barbilho no Alentejo, onde tem o nome de *tabuleta*; José Leite de Vasconcelos já o registou no Boletim de Etnografia, Lisboa, 1923 2.º vol. pág. 40.

(6) Encontramos este tipo de barbilho na região de Miranda do Douro.

(7) O cabresto de picos encontrámo-lo em Moura (Alentejo).

(8) Este tipo de barbilho foi registado em Trás-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho (Resende) e no Alentejo. José Leite de Vasconcelos registou-o em Resende. Ver: «História do Museu Etnológico Português», Lisboa, 1915, págs. 402-403. Em Terra de Miranda (Trás-os-Montes) chama-se *botilho*. Diz-se: *ambotilhá-ls chibos*. (Informação de Herculano de Carvalho).

(9) Não se fez até hoje o estudo da área de difusão deste tipo, mas éle é muito comum no Entre-Douro-e-Minho e na Beira Litoral. Em Terra de Miranda (Trás-os-Montes) chama-se-lhes *cangalhas* ou *cangalhos*. (Informação de Herculano de Carvalho).

(10) A área de difusão deste barbilho também é imprecisa, mas encontra-se em vários lugares da metrópole.

(11) Precisamente a região que maior emigração tem dado para o Brasil sofreu uma transformação enorme desde o século XVI ao XVIII. De região fortemente ganadeira passou-se a uma economia agrícola superior em que os animais estabulados são alimentados com os subprodutos da agricultura. Isto impede-nos de poder reconstituir hoje alguns aspectos e instrumentos e técnicas usadas outrora.

(12) Frederico Lane, ignorando a designação portuguesa de *tabuleta*, e registando-o em uso entre colonos de origem italiana, deduziu que fosse um latinismo. Seria, contudo interessante saber se este tipo de barbilho existe também em Itália e se é conhecido por palavra semelhante. É muito natural que durante a dominação romana este barbilho recebesse já em Itália e na Lusitânia Romana o baptismo de *tabuleta*.

(13) Mesmo que a designação *tabuleta* exista em Itália, o facto da palavra ser portuguesa, indica certamente uma origem portuguesa do barbilho.

(14) O actual Museu Etnográfico de Budapeste tem três barbilhos, um dos quais igual à *tabuleta* usada em Portugal e no Brasil. Os outros dois são bastante diferentes; um é como o terceiro tipo, o cabresto de picos, mas feito de ferro e, em vez de picos, tem umas três flores de ferro com pontas aceradas. O outro é formado por quatro paus, formando um quadrado onde se enfia o focinho do animal, que é amarrado com correias. Os três paus que formam um dos lados do quadrado e os dois ângulos prolongam-se um pouco e são aguçados nas pontas, impedindo assim o vitelo de mamar.

Adivinhas

Introdução ao estudo de um elemento cultural

Um mínimo de objectividade crítica impõe que, ao analisar a obra de Viegas Guerreiro (1), comecemos por averiguar o objectivo por ele visado. Por outras palavras: que se determine se ele pretendeu fazer uma obra científica ou sòmente um trabalho honesto com uma finalidade diferente da que a teoria etno-